

# Tempo de malvas brancas

**Raquel Azevedo**

(Universidade Federal de Santa Catarina)

## **Resumo**

Em A máquina do tempo de H. G. Wells e Fragmento de história futura de Gabriel Tarde, a ficção científica aparece como capacidade de descobrir a sobrevivência do medo. A história futura se torna um tempo capaz de experiência, um tempo onde a guerra não cessa de começar.

**Palavras-chave:** Wells; Tarde; medo; experiência; tempo.

## **Abstract**

In The time machine from H. G. Wells and Underground man from Gabriel Tarde, science fiction appears as the ability to discover the survival from fear. Future history becomes a time capable of experience, a time where war does not cease to begin.

**Keywords:** Wells; Tarde; fear; experience; time.

Um gineceu modificado. É tudo o que o Viajante do Tempo de H. G. Wells traz de vestígio de um futuro em que todos os selos de humanidade foram varridos da existência. Em vez do triunfo do intelecto sobre a natureza, *A máquina do tempo* testemunha o ressurgimento daquilo que Wells chama de Grande Medo, o medo da antropofagia. Se a ciência moderna transforma a experiência em experimento, como propõe Giorgio Agamben em *Infância e História*, deslocando a autoridade de nosso tempo para tudo aquilo que é inexperienciável – o laboratório e os números –, o pneuma, mediador entre o inteligível e o sensível, assume o caráter de algo que é desde sempre conhecido em cada ato de conhecimento. A ciência enquanto expropriação da experiência só pode se tornar novamente experienciável quando reaviva o medo. É na descoberta do temor fundamental pelo qual se relacionam Elois e Morlocks que o Viajante do Tempo experimenta um tempo futuro. A possibilidade de existência da história e da experiência está lá onde as leis não alcançam.

A especiação desencadeada pela expansão da indústria para o subsolo faz da viagem no tempo de Wells uma experiência daquilo que está além do humano. Se a “experiência muda” que procura Agamben, a infância do homem da qual a linguagem deveria assinalar o limite, não é um fato acabado, mas algo que não cessa de acontecer, a ficção científica é uma forma de experimentar esse caráter originário (*ursprünglich*) da comunidade que vem, uma experiência da pura variação – e, conseqüentemente, do equívoco. Assim como Lévi-Strauss julgava que os mitos só criam um campo semântico quando formam uma coleção, isto é, a partir da variação acéfala das versões, a história ficcional futura apresenta essa passagem do semiótico ao semântico, não como constituição do humano, mas do inumano. É porque não somos seres desde sempre falantes, é porque há uma infância que coexiste originalmente com a linguagem, que há história, diz Agamben. O Viajante do Tempo de Wells nos mostra que é porque ainda se pode redescobrir o medo em uma sociedade em que não há mais resquícios de humanidade, que há história. Wells antecipa Oswald de Andrade ao colocar o antropófago depois do homem, a possibilidade de experimentar a história como algo que está além (ou aquém) do humano.

Aristarco, o patriarca d’*O Ateneu* de Raul Pompeia, também ensina a

Sérgio que a imoralidade só é uma experiência possível fora da lei:

“Um trabalho insano! Moderar, animar, corrigir esta massa de caracteres, onde começa a ferver o fermento das inclinações; encontrar e encaminhar a natureza na época dos violentos ímpetos; amordaçar excessivos ardores; retemperar o ânimo dos que se dão por vencidos precocemente; espreitar, adivinhar os temperamentos; prevenir a corrupção; desiludir as aparências sedutoras do mal; aproveitar os alvoroços do sangue para os nobres ensinamentos; prevenir a depravação dos inocentes; espiar os sítios obscuros; fiscalizar as amizades; desconfiar das hipocrisias; ser amoroso, ser violento, ser firme; triunfar dos sentimentos de compaixão para ser correto; proceder com segurança, para depois duvidar; punir para pedir perdão depois... Um labor ingrato titânico, que extenua a alma, que nos deixa acabrunhados ao anoitecer de hoje, para recomeçar com o dia de amanhã... Ah! meus amigos, conclui ofegante, não é o espírito que me custa, não é o estudo dos rapazes a minha preocupação... É o caráter! Não é a preguiça o inimigo, é a imoralidade!”. Aristarco tinha para esta palavra uma entonação especial, comprimida e terrível, que nunca mais esquece quem a ouviu de seus lábios. “A imoralidade!”.

E recuava tragicamente, crispando as mãos. “Ah! mas eu sou tremendo quando esta desgraça nos escandaliza. Não! Estejam tranquilos os pais. No *Ateneu*, a imoralidade não existe! Velo pela candura das crianças, como se fossem, não digo meus filhos: minhas próprias filhas! O *Ateneu* é um colégio moralizado! E eu aviso muito a tempo... Eu tenho um código...”. Neste ponto o diretor levantou-se de salto e mostrou um grande quadro à parede. “Aqui está o nosso código. Leiam! Todas as culpas são prevenidas, uma pena para cada hipótese: o caso da imoralidade não está lá. O parricídio não figurava na lei grega. Aqui não está a imoralidade. Se a desgraça ocorre, a justiça é o meu terror e a lei é o meu arbítrio! Briguem depois os senhores pais!...”. (POMPEIA, 2009, p. 28-29).

À experiência da imoralidade, Aristarco responde com a anomia do terror. Em *Fragmento de história futura*, Gabriel Tarde também vislumbra um tempo futuro subterrâneo, cuja origem está associada a um evento inesperado, o resfriamento do sol. Neste caso, a descida da civilização não produz uma diferenciação biológica do humano, mas recria o fazer científico. Se no mundo da superfície terrestre as ciências são eminentemente úteis e indutivas, no “neotrogloditismo” de Tarde as ciências se transformam em um objeto de luxo e de dedução. Era preciso que a ciência se tornasse um “catecismo definitivo” capaz de se alojar facilmente em um canto da memória, para que o cérebro humano pudesse se dedicar livremente à imaginação e a beleza deixasse de ser um

aspecto marginal da vida. A imaginação permite que o inexperienciável torne a ser fonte de autoridade, ao contrário do que faz a ciência, que, ao permitir que uma experiência se torne calculável e, portanto, repetida indefinidamente, aniquila, em última instância, a possibilidade da ficção. Agamben conta, que na cultura antiga e medieval, é a imaginação que ocupa o lugar de mediação possível entre os sentidos e o intelecto, lugar que a ciência moderna rende ao experimento.

Isto ainda é verdadeiro nas culturas primitivas. Devereux relata que os *mohave* (nisto não dissímeis das outras culturas xamânicas) creem que os poderes xamânicos e o conhecimento dos mitos, assim como das técnicas e dos cantos que a eles se referem, são adquiridos no sonho. E não só: se viessem a ser adquiridos em estado de vigília, permaneceriam estéreis e ineficazes até que fossem sonhados: “assim um xamã, que me permita anotar e aprender os seus cantos terapêuticos rituais, explicou-me que eu não teria igualmente poder de curar, pois não havia potencializado e ativado os seus cantos através do aprendizado onírico”. (AGAMBEN, 2005, p. 34).

Em *Monadologia e Sociologia*, Tarde explica que o devir *test-drive* da ciência teve “por última e suprema razão de ser o desenvolvimento extraordinário de hipóteses, de heresias filosóficas, de sistemas pessoais e indefinidamente multiplicados, de fantasias líricas e dramáticas extraordinárias [...]. A inteligência levada ao extremo acabará por ser apenas um manual prático de imaginação” (TARDE, 2007, p. 100). Uma das evidências do poder criativo do mundo subterrâneo foi, segundo Tarde, a confluência de duas ciências que outrora se encontravam nos antípodas uma da outra: a química e a psicologia. Os químicos penetraram na intimidade das moléculas para revelar-nos seus desejos e ideias, uma psicologia do átomo, enquanto os psicólogos ensaiaram uma atomologia do eu, explicaram a hierarquia de consciências de que o indivíduo é o ápice. Em seu estudo sobre as mônadas, Tarde se pergunta por que uma molécula não constituiria uma sociedade do mesmo modo que uma planta ou um animal o faz. A invariabilidade pela qual os fenômenos atômicos parecem se opor aos fenômenos de ordem celular ou vital não é suficiente para negar-lhes o caráter social, especialmente se consideramos que, em sua descida civilizatória, os homens também passam de uma fase bárbara e, de certo modo, orgânica a uma fase física e mecânica. O argumento de Tarde é que se um ser vivo é uma sociedade, um ser puramente mecânico também deve sê-lo, visto que o progresso

de nossas sociedades consiste em mecanizar-se.

Tarde antecipa Benjamin ao identificar na mônada a origem que não cessa de emergir do seu vir-a-ser. Todo o desenvolvimento humano em poesia, artes, línguas e costumes se assemelha a uma fase orgânica da humanidade, diz Tarde, que precede uma fase gradativamente mais administrativa, industrial, erudita, racional, mecânica. Este último estágio permite o aparecimento de leis econômicas, que em tanto se assemelham às leis da física, especialmente da estática.

Portanto, uma molécula, comparada a um organismo e a um Estado, não seria senão uma espécie de nação infinitamente mais numerosa e mais avançada, que teria chegado àquele período estacionário que Stuart Mill almeja para todos nós. (Ibid., p. 83-84).

Em *Fragmento de história futura*, Tarde diz que os economistas foram para os sociólogos aquilo que alquimistas e astrólogos haviam sido para químicos e astrônomos, respectivamente. Os economistas acreditaram na ideia equivocada de que a sociedade consiste numa troca de serviços, enquanto o futuro subterrâneo da humanidade pensa-a a partir de uma troca de reflexos. “Macaquear-se mutuamente, e, por meio de macaquices acumuladas, diferentemente combinadas, fabricar-se uma originalidade” (Idem, 2013, p. 48), explica Tarde. Como saber primitivo da história futura, a economia ensina que não há paz possível naquilo que Tarde chama de fase mecânica da sociedade. Que a aparente regularidade do funcionamento da indústria não nos engane: Bretton Woods é a continuação da guerra por outros meios. Se o Viajante do Tempo de Wells diz que provinha de uma época em que o medo já não mais paralisa é porque vivemos em uma época em que o sangue se dilui nas flutuações monetárias.

“Lênin, segundo se diz, declarou que a melhor maneira de destruir o sistema capitalista é desmoralizar a moeda”, diz Keynes, no ensaio *Inflação e deflação* de 1919, apreensivo com o caráter inflacionário da emissão de moeda que se seguiu à Primeira Guerra. “Nas últimas etapas da guerra, todos os governos beligerantes praticaram, por necessidade ou incompetência, o que um bolchevista teria feito deliberadamente. [...] Estes governos rapidamente estão tornando impossível a continuação da ordem econômica e social do século XIX. No entanto, não têm um plano para substituí-la” (KEYNES, 1976, p. 09-10). A pobreza de experiência com que os combatentes voltavam dos campos de batalha ganhara uma

expressão contábil na inflação. A capacidade de produção do assombro que Benjamin identifica no teatro épico brechtiano, a realidade enquanto suspensão da ordem das coisas que Keynes via na corrupção da moeda: é neste jogo de interrupção criativa que opera a ficção científica. Não é uma projeção da luta de classes o que o Viajante do Tempo encontra no futuro, mas a ausência de rastros do humano – que Benjamin aponta no quarto burguês em *Experiência e pobreza*. “Quando o fluxo real da vida é represado, imobilizando-se, essa interrupção é vivida como se fosse um refluxo: o assombro é esse refluxo” (BENJAMIN, 1994, p. 89). Se o teatro épico descobre a dialética em estado de repouso, o palco enquanto *potentia*, *A máquina do tempo* prenuncia a sobrevivência do assombro, que é, como diz Benjamin, “o rochedo do qual contemplamos a torrente das coisas”. H. P. Lovecraft diz que o medo do desconhecido é o medo mais antigo da humanidade. Wells aponta o próprio medo como único vestígio de experiência na história futura. É preciso abandonar o leito do tempo para tornar a experimentá-lo.

Se o originário é sempre algo incompleto e inacabado, o problema do último homem que aparece nas ficções de Tarde e Wells é também o problema do primeiro homem, o infante que antecede a linguagem de que trata Agamben. O Viajante do Tempo de Wells era o último homem entre criaturas que haviam esquecido a sua origem – o último homem é aquele que será devorado. A batalha que inicia contra os Morlocks com apenas uma caixa de fósforos no bolso indica que a *Ursprung* não está associada ao humano, mas à guerra, que nunca cessa de começar. Tarde, por sua vez, relata as previsões de um sociólogo da história futura a respeito da descida civilizatória da humanidade:

É preciso ler o retrato, extremamente bem realizado, que ele traça do último homem, único sobrevivente e único herdeiro de cem civilizações sucessivas, reduzido a si mesmo e bastando a si mesmo em meio a suas imensas provisões de ciência e de arte, feliz como um Deus porque compreende tudo, porque pode tudo, porque acaba de descobrir a verdadeira palavra do grande enigma, mas morrendo por não poder sobreviver à humanidade e, no meio de uma substância explosiva de uma potência extraordinária, fazendo explodir o globo com ele, para semear a imensidão com os destroços do homem! – Esse sistema, percebe-se por quê, tem muitos seguidores. Suas seguidoras, no entanto, graciosas Hipátias, despreocupadamente deitadas em volta do bloco magistral, opinam que conviria acrescentar ao homem final a mulher final, não menos ideal que ele. (TARDE, 2013, p. 69).

Não deixa de ser curioso que se trate sempre do primeiro e do último “homem”. A mulher é a obra por fazer. As malvas brancas que o Viajante do Tempo traz do futuro tinham apenas o órgão reprodutor feminino modificado. O tempo deve, de fato, ter o formato de um útero. É capaz de se expandir e de se contrair, de sangrar e de doer, de parir e de partir. Um tempo que é capaz, antes de tudo, de experiência.

**BIBLIOGRAFIA**

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense: 1994.

\_\_\_\_\_. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense: 1984.

KEYNES, John Maynard. *Ensaio econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

POMPEIA, Raul. *O ateneu*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

TARDE, Gabriel. *Fragmento de história futura*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2013.

\_\_\_\_\_. *Monadologia e sociologia – e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

WELLS, H. G. *A máquina do tempo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.